

O Número Sete - Uma Chave Oculta Para Entender o Ritmo da Vida

Fonte: Helena P. Blavatsky

Nota dos Editores:

Como ocorre com outros escritos sobre filosofia esotérica, há uma sabedoria implícita nas entrelinhas do texto a seguir —; e ela poderá ser melhor percebida se o texto for lido pelo menos duas ou três vezes, em diferentes ocasiões, com calma, lenta e meditativamente.

Na antiguidade mais distante, atribuía-se um profundo significado aos números. Qualquer povo que tivesse alguma coisa parecida com uma filosofia dava grande destaque aos números na realização das suas práticas religiosas, no estabelecimento de dias de festivais, de símbolos, dogmas, e até mesmo na distribuição geográfica dos impérios. O misterioso sistema numérico de Pitágoras já não era nada novo quando surgiu, mais de 600 anos antes da era cristã. O significado oculto dos algarismos e suas combinações faziam parte das meditações dos sábios de todos os povos, e não está muito distante o dia em que, levado pela eterna rotação cíclica dos acontecimentos, o nosso agora cético Ocidente terá de admitir que, naquela periodicidade regular de eventos sempre recorrentes, há algo mais que mero acaso. Os nossos sábios ocidentais já começam a notar o fato. Ultimamente, eles têm aguçado sua atenção e começado a especular sobre ciclos, números e tudo aquilo que, apenas alguns anos atrás, eles haviam condenado ao esquecimento nos velhos arquivos da memória, que nunca seriam reabertos exceto para rir das superstições estranhas e idiotas dos nossos ancestrais *não-científicos*.

Uma destas novidades é que o velho jornal alemão *Die Gegenwart* apresentou a seus leitores um artigo sério e erudito sobre “o significado do número sete”, e o chamou de “ensaio sobre história cultural”. Depois de citar alguns parágrafos deste texto, nós teremos algo a acrescentar, talvez. O autor diz:

“O número sete era considerado sagrado não só em todas as nações com culturas próprias da antiguidade e do Ocidente, mas tem sido visto com a maior reverência também pelas nações mais recentes do Ocidente. A origem astronômica deste número está confirmada além de toda dúvida. O homem, sentindo desde tempos imemoriais que depende de forças celestes, sempre e em todo lugar considerou que a Terra estava sujeita ao céu. Assim, o corpo celeste maior e mais iluminado tornou-se para ele o poder mais importante e mais elevado; e assim eram os planetas que toda a antiguidade contou como sendo *sete*. Ao longo do tempo, eles se transformaram em *sete* divindades. Os egípcios tinham *sete* deuses originais e mais elevados; os fenícios tinham *sete* kabiris; os persas, *sete* cavalos sagrados de Mitra; os parsis, *sete* anjos opostos a *sete* demônios, e *sete* moradas celestes em paralelo com *sete* regiões inferiores. Para representar essa idéia mais claramente em sua forma concreta, os *sete* deuses eram frequentemente descritos como uma

divindade com *sete* cabeças. Todo o céu estava sujeito aos *sete* planetas; portanto, em quase todos os sistemas religiosos nós encontramos *sete* céus”.

A crença no *sapta loka* [1] da religião bramânica permaneceu fiel à filosofia arcaica; mas — quem sabe — essa própria idéia originou-se em Aryavarta [2], este berço de todas as filosofias e fonte de todas as religiões subsequentes! Se o dogma egípcio da *metempsicose* ou transmigração da alma ensinava que há *sete* estágios de purificação e de progressiva perfeição, também é verdade que os budistas tomaram dos arianos da Índia, e não do Egito, a sua idéia de *sete* estágios de progressivo desenvolvimento da alma desencarnada, o que é simbolizado pelos *sete* andares e guarda-chuvas, que gradualmente diminuía à medida que ficavam mais próximos do topo dos seus templos.

No misterioso culto a Mitra havia “*sete* portões”, *sete* altares, *sete* mistérios. Os sacerdotes de muitas nações orientais eram subdivididos em *sete* graus; *sete* degraus levavam ao altar, e os templos eram iluminados por candelabros de *sete* velas. Várias lojas maçônicas têm, até hoje, *sete* e *catorze* passos.

As *sete* esferas planetárias serviam como um modelo para divisões e organizações nos Estados. A China era dividida em *sete* províncias; a Pérsia antiga, em *sete* satrapias. De acordo com uma lenda árabe, *sete* anjos esfriam o sol com gelo e neve, para que ele não queime a Terra reduzindo-a a cinzas e brasas; e *sete* mil anjos animam o sol e o colocam em movimento a cada manhã. Os dois rios mais velhos do Oriente — o Ganges e o Nilo — têm, cada um, *sete* desembocaduras. O Oriente tinha em sua antiguidade *sete* principais rios (o Nilo, o Tigre, o Eufrates, o Oxus, o Yaksart, o Arax e o Indo); *sete* tesouros famosos; *sete* cidades cheias de ouro; *sete* maravilhas do mundo, etc. O número *sete* cumpria um papel igualmente importante na arquitetura dos templos e palácios. O famoso pagode de Churingham é rodeado por *sete* muros quadrados, pintados em *sete* cores diferentes, e no meio de cada muro há uma pirâmide de *sete* andares; assim como nos tempos ante-diluvianos o templo de Borsippa, agora o Birs-Nimrud, tinha *sete* plataformas, que simbolizavam os *sete* círculos concêntricos das *sete* esferas, cada uma construída com peças de cerâmica e metal que correspondiam com a cor do planeta regente da esfera simbolizada.

Estes são todos “restos do paganismo” — dizem-nos; são traços “das superstições antigas, que, como corujas e morcegos em um subterrâneo escuro, voaram para longe e nunca retornarão em direção à luz gloriosa do Cristianismo” — uma afirmação, aliás, extremamente fácil de desmentir. O autor do artigo em questão coletou centenas de exemplos para mostrar que não só os cristãos antigos, mas também os cristãos modernos preservaram o número *sete*, e de modo tão sagrado como sempre foi preservado; porém, na verdade, poderiam ser encontrados *milhares* de exemplos. Pode-se começar com o antigo cálculo astronômico e religioso dos romanos pagãos, que dividiam a semana em *sete* dias, e consideravam o *sétimo* dia como o mais sagrado, o Sol, o Domingo ou Dia do *Sol* de Júpiter, para o qual todos os povos cristãos — e especialmente os protestantes — fazem homenagens até

o dia de hoje. Se por acaso alguém disser que não é por causa dos romanos pagãos mas dos judeus monoteístas que temos o domingo, então por que não é o sábado, o verdadeiro “sabbath”, que é tido como dia santo, ao invés de domingo, o dia do Sol?

Se no “Ramayana” [3] *sete* pátios são mencionados nas residências dos reis hindus, e geralmente *sete* portões levavam aos famosos templos e cidades de antigamente, então por que os habitantes de Friesland [4] aderiram no século 10 da era cristã estritamente ao número *sete* ao dividir suas províncias, e insistiam em pagar *sete* “pfennigs” de contribuição? O Império Sagrado Romano e Cristão tem *sete* Kurfursts ou Eleitores. Os húngaros emigraram sob a liderança de *sete* duques e fundaram *sete* cidades, chamadas Semigradyá (agora Transylvania). Se a Roma pagã foi construída em *sete* colinas, Constantinopla tinha *sete* nomes — Bizâncio, Antonia, Nova Roma, cidade de Constantino, a Separadora das Partes do Mundo, o Tesouro do Islam, Istambul — e também era chamada de “a cidade das *sete* colinas”, e “a cidade das *sete* torres”. Com os muçulmanos, “ela foi sitiada *sete* vezes e tomada depois de *sete* semanas pelo *sétimo* dos sultões Osman.” De acordo com as idéias dos povos orientais, as *sete* esferas planetárias são representadas pelos *sete* anéis usados pelas mulheres em *sete* partes do corpo — na cabeça, no pescoço, nas mãos, nos pés, nas orelhas, no nariz, ao redor da cintura — e estes *sete* anéis ou círculos são presenteados até hoje pelos candidatos orientais às suas noivas; a beleza da mulher consiste, segundo as canções persas, de *sete* encantos.

Os *sete* planetas permanecem sempre à mesma distância uns dos outros, e giram no mesmo caminho; destes fatos surge a idéia da eterna harmonia do universo. Em função disso o número *sete* tornou-se especialmente sagrado para os antigos, e sempre preservou a sua importância entre os astrólogos. Os pitagóricos consideravam o algarismo *sete* como a imagem e o modelo da ordem e da harmonia divinas na natureza. Era o número que continha duas vezes o número sagrado *três* ou “tríade”, ao qual era somado o “um” ou a divina mônada: $3 + 1 + 3$. Assim como a harmonia da natureza soa no teclado do espaço, entre os *sete* planetas, assim também a harmonia dos sons audíveis ocorre em um plano menor com a escala musical dos sempre recorrentes *sete* tons. Daí, os *sete* canudos na syrinx [5] do deus Pan (ou a Natureza), e a proporção gradualmente decrescente das suas formas, representando a distância entre os planetas e entre o último deles e a Terra — e, a lira de *sete* cordas de Apolo [6]. Consistindo de uma união entre o número *três* (o símbolo da tríade divina para todos os povos, cristãos e pagãos) e o número *quatro* (símbolo das forças ou elementos cósmicos), o número *sete* aponta simbolicamente para a união da Divindade com o universo; esta idéia pitagórica foi aplicada pelos cristãos — (especialmente durante a idade média) — que usaram amplamente o número *sete* no simbolismo da sua arquitetura sagrada. Assim, por exemplo, a famosa catedral de Colônia e a Igreja Dominicana em Regensburg mostram este número até nos menores detalhes arquitetônicos.

Este número místico não tem importância menor no mundo do intelecto e da filosofia. A Grécia tinha *sete* sábios, a idade média cristã tinha *sete* artes

livres (gramática, retórica, dialética, aritmética, geometria, música, astronomia). O Sheik-ul-Islam muçulmano convoca para todo encontro importante *sete* “ulems”. Na idade média, um voto solene tinha que ser feito diante de *sete* testemunhas, e aquele que o assumia era aspergido *sete* vezes com sangue. As procissões ao redor dos templos eram feitas *sete* vezes, e os devotos tinham que ajoelhar-se *sete* vezes antes de pronunciar um voto. Os peregrinos muçulmanos dão a volta ao redor de Kaaba *sete* vezes, quando chegam. Os vasos sagrados eram feitos de ouro e prata purificados *sete* vezes. Os locais dos velhos tribunais alemães eram assinalados com *sete* árvores, sob as quais eram colocados *sete* “Schoffers” (juízes), que requeriam *sete* testemunhas. O criminoso era ameaçado com um castigo *sétuplo*, e era exigida uma purificação *sétupla*, assim como era prometida uma recompensa *sétupla* para o virtuoso. Todos sabem da grande importância atribuída no Ocidente ao *sétimo* filho. Todos os personagens míticos são geralmente descritos como tendo *sete* filhos. Na Alemanha, o rei, e agora o imperador, não pode recusar-se a ser padrinho de um *sétimo* filho, ainda que seja de um mendigo. No Ocidente, ao marcar o término de um conflito ou ao assinar um tratado de paz, os governantes trocam *sete*, ou quarenta e nove (7 x 7), presentes.

Para tentar citar todas as coisas incluídas neste número místico, seria necessária uma biblioteca. Nós encerraremos citando apenas mais alguns fatos da região do demoníaco. De acordo com as autoridades nesses assuntos — o antigo clero cristão — um contrato com o diabo tinha que ter *sete* parágrafos, tinha validade de *sete* anos e era assinado *sete* vezes; todas as bebidas mágicas preparadas com ajuda do inimigo da humanidade consistiam de *sete* ervas; ganha aquele bilhete de loteria que é retirado por uma criança de *sete* anos. As guerras lendárias duravam *sete* anos, *sete* meses e *sete* dias; e os heróis combatentes são *sete*, *setenta*, *setecentos*, *sete mil* e *setenta mil*. As princesas, nos contos de fadas, permaneciam *sete* anos sob um feitiço, e as botas do famoso gato — o marquês de Carabas — eram de *sete* léguas. Os antigos dividiam o corpo humano em *sete* partes; a cabeça, o peito, o estômago, duas mãos e dois pés; e a vida do homem era dividida em *sete* períodos. Os dentes de um bebê começam a nascer aos *sete* meses; uma criança começa a sentar-se após *catorze meses* (2 x 7); começa a caminhar depois de *vinte e um meses* (3 x 7); começa a falar depois de *vinte e oito meses* (4 x 7); deixa de mamar no peito depois de *trinta e cinco meses* (5 x 7); aos *catorze anos* (2 x 7), ele começa finalmente a formar a si mesmo; aos *vinte e um anos* (3 x 7) ele deixa de crescer. A altura média do homem, antes que a humanidade degenerasse, era de *sete* pés; disso surgiram as velhas leis ocidentais determinando que os muros dos jardins deviam ter *sete* pés de altura. Em Esparta e na antiga Pérsia a educação dos garotos começava aos *sete* anos. E nas religiões cristãs — entre os católicos romanos e os gregos — a criança não é considerada culpada por qualquer crime até *sete* anos de idade, e esta é a idade indicada para que comece a confessar-se.

Se os hindus pensarem no seu Manu e no que os velhos Shastras [7] contêm, encontrarão, sem dúvida, a origem de todo este simbolismo. Em nenhum lugar o número sete exerceu um papel tão importante como entre os

antigos Árias da Índia. Basta pensar nos *sete* sábios —*Sapta Rishis*; os *Sapta Loka* — os *sete* mundos; os *Sapta Pura* — as *sete* cidades sagradas; as *Sapta Dvipa* — as *sete* ilhas sagradas; os *Sapta Samudra* — os *sete* mares sagrados; as *Sapta Parvatta* — as *sete* montanhas sagradas; os *Sapta Arania* — os *sete* desertos; as *Sapta Vriksha* — as *sete* árvores sagradas; e assim por diante, para que se veja a probabilidade da hipótese. Os Árias *nunca* adotavam nada de outra cultura, nem os brâmanes, que eram demasiado orgulhosos e exclusivistas para fazer isso. De onde vem, então, o mistério e a sacralidade do número *sete*?

NOTAS DO TRADUTOR:

[1] *Sapta loka*: em sânscrito, as setes regiões mais elevadas, a partir da Terra.

[2] *Aryavarta*: o nome antigo da Índia.

[3] *Ramayana*: famoso poema épico hindu.

[4] *Friesland*: região norte dos Países Baixos (Holanda).

[5] *Syrinx*: a gaita musical de Pan. *Syrinx* era o nome de uma ninfa pela qual Pan se apaixonou. Para escapar de Pan, a ninfa foi transformada em um junco. Em homenagem à ninfa, Pan deu então o nome de “*Syrinx*” à sua gaita musical de sete canudos. (“*Dicionário Oxford de Literatura Clássica*”, Jorge Zahar Editor, versículo “*Pan*”).

[6] *Apolo* era uma divindade solar: sete *logoi*.

[7] *Shastras*: em sânscrito, tratados ou livros sobre assuntos divinos e sobre ética.

O título original do texto acima é “*The Number Seven*”. Ele foi publicado pela primeira vez em “*The Theosophist*”, junho de 1880, quando esta revista era editada na Índia por H. P. Blavatsky.

A tradução foi feita de “*Theosophical Articles*”, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, volume I, 512 pp., 1981, ver pp. 345-350.

Nota dos Editores:

Poucos meses depois da publicação do texto “**O Número Sete**”, H.P.B. escreveu um artigo sobre a relação oculta entre o número sete e o movimento teosófico.

Ali, ela acrescenta: “O leitor atento deve haver ponderado bastante sobre a misteriosa importância que o número *Sete* parece ter tido sempre entre os antigos, tal como foi sucintamente resumido em nosso número de junho (...). Na ocasião, foi afirmado que cientistas alemães estão agora dando atenção a esta manifestação da harmonia numérica e da periodicidade das operações da Natureza. Uma série de observações estatísticas, abrangendo alguns séculos de acontecimentos históricos, tende a mostrar que os antigos devem ter estado perfeitamente conscientes desta lei ao construir os seus sistemas de filosofia. Na verdade, quando a ciência estatística estiver completamente desenvolvida, como parece provável que um dia estará, haverá provas sempre mais numerosas de que a evolução dos heróis, poetas, chefes militares, filósofos, teólogos, grandes mercadores e todos os outros

personagens notáveis, pode ser avaliada com base na potencialidade dos números, assim como o retorno de um cometa pode ser calculado pelas regras de cálculos astronômicos. O sistema relativamente moderno de seguros de vida está baseado sobre a expectativa de vida calculada a partir da média de certas idades; e, ao mesmo tempo que nada parece ser tão incerto quanto a longevidade provável de qualquer indivíduo isolado em uma comunidade, nada é mais certo que o fato de que a chance de vida provável de qualquer pessoa, na massa da população, pode ser conhecida com base na média geral da vida humana.”

No mesmo texto, Helena Blavatsky explica: “Na verdade, como o sr. de Cazeneuve afirma corretamente no ‘Journal du Magnetisme’, a lei das proporções numéricas é verificada em cada departamento das ciências físicas. Vemos isso em química como a lei das proporções definidas e das múltiplas proporções; em física, como a lei da ótica, da acústica, da eletricidade, etc.; em mineralogia, nos fenômenos maravilhosos da cristalização; na astronomia, na mecânica celeste. Bem pode o escritor citado acima dizer: ‘As leis físicas e morais têm entre si pontos de contato tão infinitamente numerosos que, se ainda não chegamos ao ponto de poder demonstrar a sua identidade, é, pelo menos, seguro afirmar que há entre elas uma grande analogia’.”

E, finalmente: “Tentamos mostrar de que modo, por uma espécie de instinto comum, uma especial solenidade e um significado místico têm sido atribuídos ao número *Sete* por todos os povos, em todos os tempos”.

Ver “The Number Seven and Our Society”, em “Theosophical Articles”, H. P. Blavatsky, Theosophy Company, Los Angeles, 1981, volume I, pp. 351-352.